CONJUGANDO OS VERBOS DA VIDA

A escolha do título é muito original, pois cada verbo representa um sentimento ou uma ação, enfim, nossa vida começa com um fenômeno natural que é nascer e aí vem a sequência: Crescer, Brincar, Aprender, Chorar, Viver, Andar, Querer, Brigar, Falar, Sofrer, Perder, Esquecer, Lutar, Cantar, Rezar, Perdoar, Sorrir, Aceitar, Procurar, Ouvir, Partir, Calar, Passar, Recomeçar a Amar, Amar e amar.

Pretendo, com esta história real, passar algumas experiências vividas e que elas sirvam de orientação ou até mesmo de conforto a alguém que, por ventura, esteja vivendo algo semelhante, para que tenha força, fé e equilíbrio para continuar e para nunca desanimar, pois tudo o que vivemos vale a pena. Nosso crescimento espiritual depende da nossa compreensão da vida e da aceitação de determinadas situações.

Espero que o leitor viva comigo as emoções, as alegrias e as tristezas pelas quais passei e para isso serei autêntica em cada acontecimento desses longos anos de vida.

Asseguro, aos meus caros leitores, que, hoje, emocionalmente, estou equilibrada e minha tranquilidade não é aparente, apesar das dificuldades econômicas, que não só a minha família passa, mas a grande maioria das famílias brasileiras. Encontro-me em perfeita paz interior e muita harmonia com os que me cercam.

Alguns acontecimentos do cotidiano me abalam e me deixam triste. Sinto-me impotente diante de fatos que

afetam a sociedade em geral, como a fome, a violência, as drogas, os alagamentos e tantas outras tragédias que nos fazem, cada vez mais, temer pela vida. Com isso, percebo o quão importante é estarmos bem com nossos familiares, vizinhos, enfim, com todos os que nos cercam.

Talvez a profissão escolhida, pedagoga, tenha completado muito o entendimento que tenho hoje da vida, pois tudo o que se vive é conteúdo histórico e, através dele, nossa visão de mundo vai ampliando os conhecimentos e, com isso, amadurecendo as decisões a serem tomadas.

Aprendi muito nesses anos de magistério.

Após vinte e cinco anos sem estudar, apenas cuidando dos filhos, da casa e do marido, resolvi retornar aos estudos e dar um maior sentido à minha vida.

Estou viúva, tenho cinco filhos e oito netos e o restante da minha história poderá ser conhecida a partir das próximas páginas.

Em cada etapa da minha trajetória, podem-se observar mudanças de nível sócio econômico e de moradia. Só não houve mudança na estrutura familiar que recebi de herança dos meus pais e que consegui, de certa forma, passar aos meus filhos, não exatamente como queria, mas como a vida me possibilitou passar.

Márcia.

AGRADECIMENTOS

Os maiores agradecimentos, com certeza, são para os meus filhos muito amados, Veridiana, Verônica, Vinicius, Vanile e Vitor, que sempre estiveram ao meu lado nas situações mais adversas. Somos, além de mãe e filhos, amigos. Temos um relacionamento muito aberto, de muita cumplicidade, carinho e amor.

Agradeço a Deus, pois através da Fé em seus ensinamentos, houve possibilidade de equilíbrio, perdão e muito amor para suportar as provações. Aos meus pais que, através da estrutura familiar, possibilitaram-me viver com dignidade e cabeça erguida todas as modernidades que a vida me apresentou. Aos meus irmãos, pelo carinho, amizade e apoio nas horas difíceis da minha caminhada. Aos amigos que conquistei, aos amigos que não foram tão amigos assim, mas que contribuíram para meu crescimento. Aos parentes que compreenderam minhas atitudes e aos que me julgaram antecipadamente. Ao meu anjo da guarda que não me abandonou em nenhum dos momentos difíceis.

Obrigada a todos, pois, sem vocês presentes em minha vida, esta história não poderia existir.

“Por onde quer que ande, tenha sempre alegria em seu coração e a vida lhe sorrirá com mais facilidade”

Paz para todos.

Márcia

PARTE I

Às vezes brinco com a data do meu nascimento. Sempre falo que quem nasce num a sexta-feira santa, não dá para ser feliz, tem um pouco de cruz para carregar, mas não é bem assim, pois quem nasce em outros dias também tem seus probleminhas e, além do mais, não sou infeliz, apenas tenho tristezas passageiras que, com o tempo, ficam pequenas e não interferem no presente.

Tive uma infância bem tranquila. Nunca tivemos grandes posses, mas também nunca passamos necessidades. Morávamos com nossos avós. Minha mãe era a caçula, e vocês sabem como é difícil sair da casa dos pais. As lembranças que tenho do meu avô são maravilhosas. Ele era uma pessoa muito tranquila, um ser humano maravilhoso, fazia algumas brincadeiras como mágica e adivinhações, passeávamos sempre. Ele tinha uma horta no quintal, uma enorme parreira de uva, onde fez um balanço para brincarmos. A presença dele era muito forte na infância. Vovó era descendente de espanhóis, meio brava, gostava de tudo certinho, mas, por mais que aprontássemos, estava sempre protegendo e dando carinho, jamais permitia que mamãe nos batesse. Tínhamos uma vida feliz, papai trabalhava bastante, mas era um pai presente, mamãe costurava em casa para uma firma de camisas masculinas e também estava sempre presente. Aos domingos íamos à missa das crianças e, desde cedo, aprendi sobre amor ao próximo, a caridade, a doação, o perdão e a obediência, enfim, cresci assim num

ambiente de amor e muita união. A família aumentava e era sempre a mesma união.

A primeira grande tristeza da minha vida foi a morte do meu avô. Éramos muito ligados. Nessa época não estávamos mais morando juntos, pois a família aumentou, fomos morar em outra casa no mesmo bairro e quase todos os dias nos víamos, Sempre que ia fazer educação física na escola, dava uma passadinha na casa dos meus avós para tomar uma água fresquinha e vê-los, saber se estavam bem e voltava para casa. Aos finais de semana, estávamos sempre juntos. Morávamos próximos da igreja que frequentávamos e minha irmã e eu participávamos da comunidade de jovens e adolescentes. Foi um tempo inesquecível.

Lembro, como se fosse hoje, a tristeza tão grande que senti, meu peito parecia que não ia suportar tanta dor. Era abril, mês do meu aniversário. Meu avô tinha problemas de coração e o quadro se agravara, não festejamos meu aniversário pois não tínhamos vontade de nada, apenas queríamos que ele ficasse bom logo. Apesar da triste situação, tínhamos de continuar a vida, à noite tínhamos ensaio do coral na igreja e cheguei mais cedo para rezar um pouco.

O sacristão da igreja, Sr. Albino, um senhor muito simpático, parecia-se até com meu avô, tinha um carinho especial por ele e ele por mim. Ele percebeu que eu não estava muito bem e não sabia o que fazer para tentar me alegrar, aí lembrou que eu gostava de uma música que ele colocava sempre depois da missa e foi lá na sacristia coloca-la para mim, só que, ao ouvir a música, desatei num choro incontrolável e não tinha o que fizesse para

aquietar a dor que eu sentia. Passou um tempinho, o telefone da sacristia tocou e ele, prontamente, atendeu. Era minha mãe avisando para irmos para casa que vovô havia falecido. O chão pareceu sumir dos meus pés. Nem teve ensaio do coral e todos os nossos amigos foram para minha casa. Foi muito difícil perdê-lo, mas o tempo foi amenizando a dor. Ficou a saudade e a certeza de que não nos veríamos mais fisicamente.

Esse início da minha adolescência foi muito triste, principalmente porque eu era muito introspectiva e sofria bastante com qualquer problema que alguém me contasse, sofria junto com as pessoas.

Um dia, minha irmã chegou do colégio contando que uma amiga dela ficara órfã de pai. Foi o suficiente para as lágrimas descerem. Eu tinha uma tendência muito forte ao sofrimento, um medo enorme de perder meus pais e, de forma até egoísta, rezava para que se tivesse de morrer alguém, que fosse eu, pois assim não sofreria. Mas o tempo vai passando e vamos amadurecendo, crescendo e aprendendo a lidar melhor com as situações da vida.

Mudamos novamente para a casa da vovó para que ela não se sentisse muito só, e quando voltamos, tinha mais uma irmã. Éramos cinco irmãos. A casa foi reformada e, no fundo, foi feito um apartamento com todas as dependências, pois vovó era uma pessoa muito independente. Gostava de ajudar e fazer coisas para os outros, mas as dela... Ela mesma gostava de fazer do seu jeito. Ela adorava fazer sua comida, suas compras, cuidava das roupas e andava sempre arrumadinha, usava

um avental e se tivesse de sair já estava pronta, era só tirar o avental. E, assim, continuamos a nossa caminhada.

Apesar da mudança, não mudamos de colégio, pois era situado no mesmo bairro e na escola tinha um garoto que mandava bilhetinhos para mim por uma amiga da minha sala. Naquela época não existiam salas mistas e essa menina morava perto da casa dele e estudava comigo, então ela se tornou nosso pombo correio. Nunca havíamos trocado uma só palavra, apenas os bilhetinhos.

Um dia, minha irmã resolveu fazer uma faxina em minha bolsa da escola, dizia que eu era muito bagunceira e, para meu desespero, ela encontrou os bilhetinhos e os entregou à mamãe. Que sufoco! Mamãe falou muito, ficou irritadíssima e colocou os bilhetinhos em cima da geladeira, exatamente num lugar visível para meu pai, pois quando ele chegava do serviço tinha o hábito de colocar a carteira, o pente, a caneta e o cigarro (nesta época ele fumava) lá em cima. Foi uma tortura para o meu coração. Não sabia o que ia acontecer, gelava cada vez que ele chegava do serviço e os dias iam passando e nada, nem uma bronca, nem uma conversa, estava em desespero, uma ansiedade louca, pois não tinha ideia do que ele falaria, mas fiquei caladinha, só esperando. Bom, o tempo passou e assunto esquecido. Se papai viu, não deu muita importância. Nunca tive coragem de olhar para ver se os bilhetes ainda estavam lá e eu, que já era tímida, fiquei mais retraída.

Dois anos mais tarde, recebi uma carta desse garoto pedindo-me para namorar, fiquei apavorada, respondi que não e que nunca mais me procurasse. Tanta era minha aflição que rasguei a carta para que minha irmã

não tivesse nem chance de encontrá-la. Passou um bom tempo e ainda pensava nele. Mas, logo, vieram outros acontecimentos, outras amizades e me apaixonei por um rapaz da comunidade de jovens, namoramos por seis meses, sob uma grande vigilância, pois ainda era muito nova, uma menina. Gostei de uma forma muito apaixonada, era o auge das fotonovelas e tinha uma amiga mais velha que me emprestava as revistas. As histórias eram muito sofridas, de amores impossíveis, namoros escondidos e acabava transferindo um pouco das histórias para a vida real e, como para adolescente tudo é muito intenso, o sofrimento também se tornava intenso.

Quando terminamos o namoro, chorei muito e achei que nunca mais amaria ninguém, foi um período de muita dor e sofrimento, escrevia poesias e poemas e ficava, durante horas, trancada no quarto. Não sabia muito bem como lidar com as perdas e sentia tudo quebrado por dentro, um sofrimento horrível e não dividia com ninguém essa angustia e isso me tornava cada vez mais introspectiva, calada e até misteriosa, pois não deixava transparecer meu verdadeiro estado de espírito. As pessoas me viam bem e eu estava péssima. Era meu jeito de ser. Lia também muitos poemas, poesias, sofria com os autores e vivia, assim, nesse mundo de fantasias e sonhos. A música, então, adorava e me transportava para lugares belíssimos.

Aprendi a tocar acordeão e minha irmã violão. Tínhamos aulas no mesmo local e, em casa, ensaiávamos para apresentar a música na próxima aula. Um dia, resolvemos trocar os instrumentos, mas no violão

não me saí muito bem não. Com o tempo nós paramos de estudar musica, já era hora de tomarmos um rumo na vida e descobrimos que não tínhamos muito dom musical e fomos para a escola de datilografia a fim de procurar um emprego.

Empreguei-me em um bazar próximo de casa, mas fiquei pouco tempo, pois queria trabalhar em escritório, o que achava mais chique. Minha irmã já estava trabalhando e, à noite, íamos juntas ao colégio. Aliás íamos juntas a todos os lugares. Continuávamos na comunidade de jovens e eu era a mais nova da turma. Nossos amigos eram muito legais. As mães deles e a nossa tinham sido praticamente todas amigas quando solteiras e também frequentavam a mesma igreja, enfim, todos se conheciam e era muito bom ver a turma sempre unida. Íamos às missas, cantávamos no coral, participávamos de jogos com outras comunidades de outros bairros, íamos também ao cinema, aos bailinhos e os mais velhos se responsabilizavam pelos mais novos, íamos e voltávamos a pé. Era muito divertido, pois formamos uma grande família.

Tínhamos um amigo, um dos mais velhos da turma, muito alegre e espontâneo, que cantava muito bem, compunha músicas, participava de festivais regionais e tinha plateia garantida, claro! A turma toda em peso. Ele fazia faculdade de Agronomia em uma cidade próxima, entrara naquele ano e nós todos estávamos felizes por ele.

O mundo parecia tão cor-de-rosa. Tudo era muito bom, meus pais nunca foram de proibir e sempre estavam juntos nos eventos da comunidade. Foram pais presentes

e com isso havia muita harmonia. Não éramos rebeldes, a disciplina e a obediência nos davam a liberdade.

Ah! Quantas quermesses na Igreja, que legal! Trabalho não faltava para ninguém. Fechávamos uma quadra da rua e armávamos as barracas Cada equipe de trabalho da igreja ficava responsável por uma barraca. Nós dançávamos quadrilha e cuidávamos da toca do coelho, e isso nos divertia muito.

Mas a vida não é sempre tão cor-de-rosa assim,. Um dia recebemos uma notícia terrível, que abalou a todos. Foi a terceira tristeza da minha vida. Senti tanta revolta que não conseguia entender por que Deus chamava pessoas tão jovens para junto de si. Um amigo nosso, muito querido, estava entre a vida e a morte num hospital de uma cidade próxima. Quando o ônibus voltava da faculdade, teve que desviar de um bêbado na estrada Ed acabou caindo da ponte onde passavam no momento. Pessoas que sobreviveram contam que, até a chegada do resgate, ele ficou ajudando algumas pessoas, mas, depois, não resistiu aos ferimentos e também foi para o hospital. Foram quinze dias de muita tristeza, muitas orações para os familiares e amigos. Mamãe fazia de tudo para me consolar e explicar o porquê da morte de jovens, mas, de pouco adiantavam as explicações religiosas, nada aliviava a dor que sentia. Tudo começou a clarear quando vi que os primos e irmãos desse amigo, que também eram meus amigos. Estavam tão resignados, tão conformados com o fato, que acabei entendendo que o grande mistério da Fé é o desapego à matéria e, a partir disso, cresci um pouco espiritualmente, entendi que somos apenas instrumentos de Deus e que estamos aqui

de passagem para cumprirmos alguma missão, seja ela de amor ao próximo, de doação e vida em comunidade, enfim, acho que os seres mais evoluídos têm outras missões, além da Terra. Bem, a dor foi diminuindo com o tempo e a lembrança era constante. Em tudo o que fazíamos na comunidade, pensávamos nele com muita alegria, pois ele era assim, alegre.

Tudo de volta à normalidade; em casa, tudo estava bem, estudo, trabalho, minha irmã estava namorando e muito feliz, eu sempre saía com o casal, íamos aos bailes e cinema toda semana. Todo ano nossa família viajava para o litoral, na casa dos meus tios, irmã da minha mãe, mas, dessa vez, minha irmã e eu não pudemos ir por causa do trabalho, ficamos em companhia da vovó, e combinamos que tiraríamos férias juntas e iríamos sozinhas para a casa da nossa tia. O tempo passou e chegou o grande dia da nossa primeira viagem sem nossos pais. Foi uma aventura e tanto, curtimos todos os momentos com muita responsabilidade, pois nos sentíamos adultas e muito importantes. Foi inesquecível tudo o que vivemos naquelas férias, mas foram poucos dias e retornamos à realidade.

Naquele ano, algumas mudanças aconteceram, minha irmã terminara o colegial, não estava mais namorando, prestou o vestibular, passou e, pela primeira vez, estávamos separadas. Nesse período, eu ia sozinha para o colégio, mudei de trabalho, e estava estudando com a menina que conheci anos atrás que fora o pombo-correio dos bilhetinhos traumáticos. Passou um bom tempo e nem nos falávamos, pois eu evitava o contato. Um dia, resolvi ter coragem e perguntei se ela ainda tinha

contato com o rapaz dos bilhetinhos. Ela riu e respondeu que ele mudara para outro bairro e estava morando com a irmã, pois era órfão de mãe, e o pai estava morando com o filho mais velho em Mato Grosso, mas que, todo final de semana, ele estava lá na rua da casa dela.

Passado o fim de semana, na escola, ela me procurou, disse que falou para ele que estávamos estudando juntas e que conversamos, Ela contou que ele pediu meu telefone. Eu o anotei num papel e entreguei o mesmo a ela. Estranhamente, meu coração disparou numa mistura de medo, de desafio nem sei bem o que senti. Alguns dias se passaram e o telefone do serviço tocou para mim, nem imaginei que fosse ele. Quando atendi, fiquei surpresa e meio desconcertada, pois trabalhava com meu pai e o telefone ficava ao lado da mesa dele. Que sufoco! Por que tudo tinha que ser tão difícil? Era, na verdade, a primeira vez que ouvia sua voz e ele a minha, mas conversamos e ficamos de nos encontrar em frente ao colégio à noite. Estava super nervosa.

Cheguei do serviço, tomei um banho, jantei, arrumei-me e fui à escola, naquela noite, na maior ansiedade. Pensava: - ainda bem que minha irmã já estava na faculdade, pois se ela estivesse comigo, nesse dia, não sei como seria, pois acabei não entrando na aula. Ele já estava na frente do colégio quando cheguei, cumprimentou-me com um largo sorriso e eu, timidamente, sorri também. Ele começou me contando que nesses seis anos e meio que não nos víamos, ele tentou várias vezes se aproximar de mim, mas não tinha coragem. Ficava passando em frente de casa, aos

sábados, ia às missas só para me ver, até no cinema entrou uma vez e sentou duas filas acima só para ficar me observando. Conversamos bastante e o horário da aula já estava para terminar. Marcamos para nos ver no próximo sábado, pois teria um bailinho no salão da igreja e poderíamos dançar e conversar mais um pouco. A semana demorou a passar, estava ansiosa e com receio, pois a história dos bilhetinhos em cima da geladeira sempre me atormentava.

Finalmente, chegou o sábado, tão esperado.. Quando ele chegou, foi muito especial, deu-me um anelzinho com dois corações e pediu-me em namoro. Fiquei sem graça, encabulada, porém totalmente feliz. Apresentei-o aos meus amigos, a minha irmã e logo ficou amigo de todos, pois era muito extrovertido e brincalhão. Conquistou a todos e, em pouco tempo, frequentava minha casa, conquistando também a família toda. Ele trabalhava, mas sempre dava um jeitinho de passar em casa, levava-me ao colégio e nos víamos aos finais de semana.

Terminei o colegial. Eu não sabia muito bem que tipo de estudos eu queria continua fazendo. Fiz um teste vocacional e o que mais se assemelhava a minha vocação foi um quesito chamado museóloga, o que rendeu muita brincadeira de todos em casa. Como não ganhava muito bem para pagar a faculdade sozinha, como era o caso de minha irmã, resolvi deixar os estudos e fazer meu enxoval, afinal o namoro estava indo muito bem e eu estava muito feliz. Ele era gentil e amável, sabia compreender e lidar bem com meu jeito introspectivo e meu mau humor, pois estava profundamente irritada no

serviço e vivia tendo chiliques por conta de uma garota que resolveu fazer do meu pai o seu confidente, e essa história estava abalando minhas estruturas. Eu só brigava em casa, estava morrendo de ciúmes dele, mas meu namorado suportou bem a minha crise.

Resolvi pedir demissão e procurar outro emprego, pois a situação estava me sufocando e, para melhorar meu relacionamento em casa, preferi sair e mudar um pouco de ambiente. Consegui rápido o novo emprego, já estava noiva , mas não usava aliança, senão corria o risco de não ser empregada. Normalmente, quem estava noiva, naquela época, é porque iria se casar logo, deixando a firma na mão. Ainda bem que, hoje, o pensamento empresarial mudou.

Com um ano de namoro, ficamos noivos à moda tradicional, com padre abençoando aliança. O pai dele colocou a aliança em mim e o meu pai colocou a dele, foto e festa, tudo feito no maior sigilo, eu fui a última a saber. Ele combinou com minha mãe e fizeram tudo escondidinho. Tínhamos combinado um baile e, enquanto estava no quarto me trocando, estavam lá arrumando tudo e a família chegando. Minha irmã ficou responsável para que eu não saísse do quarto, ficando lá me enrolando e eu, inocente, nem percebi. Quando tudo estava pronto, ela me deixou sair do quarto e foi a maior surpresa. Conclusão: borrou toda a maquiagem feita para o baile, mas tudo bem, estava feliz. Noivamos por um bom tempo ainda, antes do casamento. Foi um casamento muito bem planejado, com curso de noivado, tínhamos exemplo dos meus pais, sempre resolvendo tudo junto com muito amor e ele conversava bastante com

minha mãe. Ela passou a ser a mãe que ele não teve. Ele mudou de emprego e passou a ganhar melhor. Fizemos os cálculos e com o que eu ganhava daria para pagar um aluguel e comprar os móveis em prestações. Resolvemos então, finalmente casar. Também depois de quatro anos, já estava na hora de concretizarmos esse amor que parecia escrito nas estrelas, ou quem sabe traçado na maternidade. Marcamos a data e começamos a maratona infernal de alugar casa, terminar enxoval, fazer vestido de noiva, escolher música, guardiões, local para a festa, fotógrafo, convite, distribuição de convites, visitas... Quanta correria, quanto trabalho para casar!

O tempo passou rapidamente, teve o famoso chá de cozinha, ganhamos muitos presentes e, enfim, chegou o grande dia. Foi um casamento muito bonito, embora tenha chovido pedra e acontecia um temporal horrível, causando alguns contratempos por falta de energia, mas tudo saiu como esperávamos. Depois da igreja, na festa, o dono da firma, em que eu trabalhava, entregou-nos um envelope com dinheiro e a chave da cabana na serra e presenteou-nos com a lua de mel, que não estava programada por falta de dinheiro, então estava tudo mais que perfeito, não faltava mais nada para a completa felicidade.

Passamos quatro dias na serra. Fazia um friozinho de outono e mal saíamos da casa. Foram dias inesquecíveis, parecia que no mundo não existia nada além de risos e alegrias.

Voltamos e continuamos nossa vida, agora de casados. Nossa casinha ficava à rua em que ele morava quando criança e por ali todos o conheciam. A casa ficava

no fundo da de uma senhora muito simpática, cujo marido e filhos eram assim também. Ele saía cedo para o trabalho e eu um pouco mais tarde, e só voltávamos à noite. Ele sempre chegava mais cedo e ia adiantando o jantar. Para falar a verdade, eu aprendi muito sobre cozinha com ele, pois não sabia fazer muitas coisas diferentes, apenas o básico. Nossa casa parecia casinha de boneca, tudo novo e cuidado com todo carinho e capricho. Tudo estava bom demais.

Três meses se passaram e ele foi demitido, a firma passava por crises financeiras e demitiram os funcionários mais novos. Foi um terror, pois tínhamos aluguel para pagar, alimentação e as prestações dos móveis. Ficamos desolados, mas, pelo menos, havia meu salário para segurarmos as pontas até que ele arrumasse outro emprego. Estava grávida de dois meses, sentia bastante sono e chorava muito. No trabalho, para ajudar, meu patrão só faltou me engolir quando lhe contei que estava grávida. Só não me mandou embora porque estava assegurada pela lei, se não, com certeza, estaria sem emprego também. E não bastava o meu sufoco. De tudo meu patrão reclamava, até por eu colocar as minhas iniciais nas coisas que eu datilografava. Ele tinha de pegar no meu pé por qualquer motivo, senão não estava feliz.

Minha mãe, para complicar, também, ficava pressionando para que meu marido arrumasse logo um emprego, que não era justo eu grávida e trabalhando e ele em casa. Só sei que foi o nosso início de casamento uma loucura e ele, que antes a considerava como uma mãe, passou a ter uma sogra.

Com todos esses transtornos, ele resolveu vender o carro que tínhamos e comprar um mais antigo, assim teríamos uma reserva. Realizada a venda, pensamos que iríamos ter mais tranquilidade, mas o rapaz, que comprou o carro, pagou com cheque roubado e nossos problemas aumentavam a cada segundo. Essa questão durou anos de audiências e resultou na perda do carro.

Não demorou muito e ele conseguiu um emprego numa firma em que já trabalhara antes e foi bom, pois já o conheciam e logo conquistou um cargo melhor e de confiança. Ele trabalhava aos sábados até a tarde, chegava em casa cansado e dormia um pouco antes do jantar. Depois íamos dançar no clube em que éramos sócios e foi assim a gravidez toda. Passadas as atribulações, tudo voltou ao normal. Trabalhei até o final da gravidez. Tivemos uma linda menina e ele ficou tão emocionado, escreveu-me um poema lindo, declarando a felicidade do momento e o amor que sentia por nós duas. O tempo passou, vencido o período da licença maternidade retornei ao trabalho, mamãe ficava com a netinha, mas, três meses depois de retornar à vida normal, engravidei novamente e daí não teve jeito. Foi uma confusão: mamãe disse que não olharia dois bebês e, com razão, já cuidara de cinco filhos, era hora de ela ter mais sossego. Não seria justo atribuir minhas responsabilidades de mãe a ela. Conversamos e resolvemos que eu pediria as contas, mesmo tendo direito de ficar até o final da gravidez e da licença maternidade. Não achei conveniente ficar. Passei, então, a cuidar da casa e dos filhos, pois assim que a segunda filha nasceu logo engravidei de mais um filho, desta vez um menino.

Mudamos de casa, pois aquela estava pequena demais para um casal com três filhos. A situação apertou e ele tinha de fazer serviços extras aos finais de semana. Mesmo assim, tínhamos disposição para frequentarmos o grupo de casais da igreja, nossos amigos eram todos mais velhos e mais experientes, então tínhamos em quem nos espelhar e errar menos no nosso relacionamento. Sentia-me amada e segura no casamento. Ele era totalmente familiar, ajudava-me nos afazeres, pois com três crianças pequenas, trabalho é que não faltava. Muitas vezes, ele passou pilhas de fraldas, quando chegava do serviço, e quando as crianças ficavam engripadas, que loucura! Às vezes, não sabia a quem acudir primeiro. A sorte é que tinha muita calma e tranquilidade. Acho que aprendi com a experiência da vida que o desespero não dá espaço para a sabedoria e a lucidez resolverem as questões mais complicadas. Quando parecia que estava tudo acomodado, veio uma proposta da firma, o salário seria melhor, teria muitas vantagens, só que era em outra cidade. Não tinha como recusar, tínhamos três filhos, eu sem trabalhar e sem ganhar nada, era evidente que ele aceitaria a proposta. Foi um reboliço. Por um lado, a melhora profissional e econômica e, por outro, a família distante, a saudade e o apego. Tudo bem que não era tão longe, apenas três horas de carro nos separariam. Mas doía e mais ainda porque minha filha mais velha era apegada demais com minha mãe e com minha irmã caçula., Foi muito difícil separá-las, mas tínhamos de avaliar que financeiramente seria melhor e resolvemos aceitar a proposta. Ajeitamos tudo e nos mudamos, porém viajávamos sempre para ver a família. Pelo menos de quinze em quinze dias, estávamos juntos e, fora isso, nos